

# Mostra Cinema Português Contemporâneo



CAIXA Cultural Rio de Janeiro  
Av. Almirante Barroso, 25 Centro  
Tel: (21) 2544-4080

CAIXA Cultural São Paulo  
Praça da Sé, 111 - São Paulo - SP - CEP 01001-001  
Tel: (11) 3321-4400

[www.caixa.gov.br/caixacultural](http://www.caixa.gov.br/caixacultural)

Distribuição gratuita. Comercialização proibida.



refinária

CAIXA

BRASIL  
PAZ, CULTURA E BEM-ESTAR

Mostra  
Cinema  
Português  
Contemporâneo

“Em 1861, nasce a CAIXA no Rio de Janeiro, instituída por D. Pedro II, e coincide com o período de consolidação do patrimônio histórico e cultural diversificado que abre o Brasil para o intercâmbio entre outros países e a conscientização da sua importância na criação de uma identidade própria. Nesse contexto, os portugueses tiveram uma participação essencial na formação dessa identidade e a Mostra de Cinema Português Contemporâneo vem preencher uma lacuna em relação às expressões culturais portuguesas percebidas em nosso país.

O projeto, selecionado pelo Regulamento de Ocupação dos Espaços da CAIXA Cultural, apresenta em sua grande maioria obras pouco exibidas no Brasil, sendo algumas ainda inéditas. Ao todo serão exibidos 19 filmes, entre curtas e longas, ficções, documentários e animações, produzidos do ano 2000 até os dias de hoje. A mostra oferece ao visitante a possibilidade de (re)descobrir não só o Brasil, mas também sua relação com o trânsito cultural, as diásporas, as migrações e as identidades multiculturais, que também fazem parte dessa trajetória.

Ao patrocinar esse projeto, A CAIXA pretende ampliar o panorama de cinematografias apresentados no Rio de Janeiro e em São Paulo, além de reaproximar e aprofundar a relação luso-brasileira. “

**CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**

A Mostra Cinema Português Contemporâneo é um caminho e uma consequência natural da intensa relação que a Refinaria Filmes tem desenvolvido com Portugal nos últimos anos, não só através da produção de outras mostras de cinema, mas também de co-produções de filmes. Esse fato revelou para nós a imensa riqueza e diversidade do cinema que é feito em Portugal. País com apenas cerca de 10 milhões de habitantes, sua produção de cinema anual não atinge um grande número em termos de filmes produzidos (em 2011, foram feitos 19 longas metragens, 12 curtas e 15 documentários, segundo números oficiais do ICA, Instituto do Cinema e do Audiovisual, que gere os financiamentos e tutela a produção de cinema). No entanto, o cinema português atinge patamares de qualidade, diversidade e liberdade criativa ímpares no panorama mundial cinematográfico, como vêm atestar as várias presenças de filmes e diretores nos maiores palcos do cinema mundial, como Cannes, Berlim ou Veneza.

Além de diretores já consagrados, como o incontornável patriarca Manoel de Oliveira, que aos 103 anos continua a ser um cineasta contemporâneo, novos talentos têm surgido e se afirmado nos últimos anos, enriquecendo o panorama do cinema português. Com a mostra, pretendemos dar uma maior visibilidade a este cinema, que conquista cada vez mais notoriedade e reconhecimento internacional, mas que continua sendo bastante desconhecido no Brasil.

A visibilidade que desejamos dar no Brasil ao cinema português contemporâneo é ainda mais importante neste ano de 2012. As formas de financiamento frequentemente acarretam dificuldades para a produção, uma vez que não há uma indústria de cinema em Portugal. A dimensão do mercado, dadas as já referidas proporções de habitantes, é muito reduzida, e a sua internacionalização dentro do contexto comercial de exibição é complexa, uma vez que a maioria dos filmes produzidos não cedem à concessões ou convenções comerciais e, quando o fazem, acabam por gerar produtos descaracterizados, que não têm a força suficiente para atravessar as fronteiras do país. Além disso, a grave crise econômica e social que a Europa atravessa, muito sentida em Portugal, veio paralisar, em 2012, a produção de cinema no país em quase 100%. Ainda não houve qualquer financiamento neste ano, e há uma nova lei de cinema que foi recentemente aprovada, mas que ainda vai tardar a ser posta em prática, agravando assim os problemas que todo o meio cinematográfico português enfrenta.

Fazer uma mostra, que pretendemos que possa vir a crescer e desenvolver, é também sonhar. Quem sabe ajudar a mudar o estado das coisas. E nós, brasileiros, podemos e devemos desfrutar deste cinema que tem conosco dois grandes pontos em comum: a linguagem do cinema e a língua portuguesa.

**Carolina Dias / Refinaria filmes**  
Produção

O cinema português tem sido alvo, nos últimos anos, de ciclos e retrospectivas muito interessantes mundo a fora. Ainda que grande parte das mostras vinculadas ao cinema português perpassem a obra de Manoel de Oliveira, já considerado entre os mais reconhecidos cineastas da história do cinema mundial, o cinema português vem alcançando destaque também pela circulação de outros nomes de vulto internacional. A primeira década de 2000 tem como particularidade para o cinema português o fato de ter permitido o surgimento de muitos novos realizadores, bem como ter consolidado a trajetória de realizadores veteranos do cinema novo português (1963 - 1980). O objetivo da mostra Cinema Português Contemporâneo é dar a ver ao público brasileiro a produção destes novos realizadores, escolhendo as obras mais significativas, incluindo, por outro lado, a entusiasmada e experimental produção audiovisual que surge com a chegada da “Geração Curtas”, surgida com o crescimento de novas estratégias de financiamento ao cinema português e, sobretudo, com o apoio específico ao formato do curta-metragem.

Para além disso, queremos levar em conta a escolha temática de filmes que abordem o trânsito cultural, a migração, as identidades multiculturais e diaspóricas no eixo triangular Brasil-Portugal e países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), assim como filmes que abordem a migração e o exílio entre Portugal e o restante da Europa.

Vale ressaltar que o cinema português, praticamente desconhecido do público brasileiro, nunca foi contemplado de maneira integral com um panorama semelhante como o que aqui propomos. Tendo isso em vista, pensamos ressaltar a variedade e a riqueza do cinema português, presente em inúmeros festivais europeus todos os anos. A publicação deste catálogo vêm ressaltar uma ausência e um hiato entre Brasil e Portugal, unindo pesquisadores destes dois países, abordando os filmes através de um duplo olhar: seja estrangeiro, seja auto-reflexivo. Não apontando apenas a originalidade dos filmes ou o ineditismo da mostra, os textos aqui reunidos reúnem informações históricas que contextualizam para o público brasileiro a produção cinematográfica portuguesa atual, apontando os principais nomes dessa geração.

De volta ao eixo temático, a proposta curatorial da mostra Cinema Português Contemporâneo selecionou curta-metragens e longa-metragens que abordassem temas relevantes da sociedade contemporânea portuguesa, mais especificamente, filmes que abordassem questões relativas às migrações, ao exílio ou à diáspora entre Brasil-Portugal e África lusófona, ou mesmo entre Portugal e Europa. A problemática das migrações entre Portugal e Europa está refletida no fato de que, durante o século XX, um número considerável de portugueses emigrou, fruto da política repressora de António Salazar (1926 a 1974), para diversos países europeus, sobretudo a França. No final do século XX, após o ingresso de Portugal na zona do euro, a lógica das migrações é invertida, fazendo de Portugal destino potencial para muitos imigrantes do leste europeu, sobretudo de países como Ucrânia, Romênia e Bulgária. Queremos refletir através dos filmes aqui propostos acerca das identidades multiculturais e das trocas operadas no exercício das migrações, apontando para o trânsito também entre países de língua oficial portuguesa. No caso dos fluxos entre os países de língua oficial portuguesa, pensamos discutir através dos filmes uma certa memória imaginária em comum, compartilhada entre Brasil, Portugal e os países africanos lusófonos. No caso do cinema português, essa discussão é recorrente, uma vez que Portugal, como país-metrópole, perde sistematicamente, desde o século XIX, a hegemonia cultural e política sob suas ex-colônias. O tácito conflito entre Portugal e as ex-colônias deve ser percebido aqui como ponto de partida para uma série de questionamentos que se referem à configuração da nação e de uma identidade portuguesas.

De grande caráter experimental, o cinema português aqui pensado impõe-se através de obras que fogem a qualquer rigidez temática, sobretudo se observarmos as diferentes linguagens propostas nos curta-metragens aqui reunidos. Entre o experimentalismo e a reflexão, entre a ficção e o documentário, pensamos encontrar as principais clivagens do cinema português, e desejamos, com os filmes, diminuir o grande oceano que nos afasta e aprofundar a fecunda memória que nos aproxima.

**Michelle Sales**  
Curadoria

## Curta-metragens:

# Mostra Cinema Português Contemporâneo

## A Noite de Regina Pessoa

Portugal, Cor, 6min., 1999

A animação tem sido o gênero que mais desenvolvimento técnico tem conhecido no cinema português das últimas décadas. Dezenas de prêmios e distinções em prestigiados certames cinematográficos mundiais tem trazido o justo reconhecimento a uma geração de realizadores onde se incluem Zepe (José Pedro Cavalheiro), Pedro Serrazina e José Miguel Ribeiro e que seguiram os passos decisivos de Abi Feijó, fundador do estúdio Filmógrafo. Regina Pessoa começa a trabalhar nesse estúdio em vários projetos com técnicas diferentes (grafite sobre papel, animação de recortes, animação de areia), acumulando experiências importantes para sua formação. Usando a técnica de gravura sobre placas de gesso, *A Noite* é a história de uma criança que mantém uma relação de incomunicabilidade com a mãe e vive atormentada na solidão das noites. O uso de cores escuras e de um ambiente noturno horrível, a escolha de uma trilha sonora com cadência muito imprevisível e palpitante, a inclusão de elementos gráficos do fantástico e do suspense acentuam a intensidade dramática da narrativa e conferem aos desenhos uma densidade psicológica muito intensa ao filme. O universo infantil e a simplicidade narrativa são processos criativos recorrentes, permitindo uma grande margem de trabalho dramático. No fundo, as características visuais e sonoras do filme seriam depois desenvolvidas pela realizadora de forma ainda mais impressionista na sua *História trágica com final feliz* (2005) e estão presentes também numa certa tendência do cinema de animação português desse período (*Os Salteadores* (1993), *Fado Lusitano* (1995) e *Clandestino* (2000) de Abi Feijó ou *Estória do Gato e da Lua* (1995) de Pedro Serrazina), também explorando um certo imaginário trágico, fatalista e pessimista pretensamente português.

**Regina Pessoa** (Coimbra, 1969) formou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes do Porto (1998) e começou a trabalhar no estúdio Filmógrafo, colaborando em vários projetos de Abi Feijó. Estreia-se na realização com *A Noite* e torna-se na realizadora portuguesa mais premiada de sempre com *História trágica com final feliz* (2005), somando mais de cinquenta prêmios e menções internacionais. Acaba de estrear a sua última curta: *Kali, o pequeno vampiro* (2012).

Paulo Cunha



## Arena de João Salaviza

Portugal, Cor, 15min., 2009

Segundo filme do jovem realizador português João Salaviza, *Arena* conta a história de Mauro, que vive em prisão domiciliar e sob constante ameaça de pequenos infratores que habitam o entorno de sua residência, um bairro social dos arredores de Lisboa. O enclausuramento do nosso protagonista aqui aponta para a antítese das migrações e das trocas cujos filmes desta mostra tentam representar. A problemática trazida pelo espaço aqui é exatamente o não-atrassamento, o não-deslocamento, deixando claro, para quem vê que o lugar de onde viemos também condiciona o lugar para onde vamos. À esteira de outros realizadores portugueses que tentam mapear lugares marginalizados de Lisboa como, por exemplo, Pedro Costa, *Arena* traz marcas de uma produção cinematográfica portuguesa contemporânea, optando por buscar a utilização de não-atores como elemento dramático central e uma certa postura documental ou uma busca por uma representação mais realista. A ambiguidade trazida pela narrativa vai desenvolvendo-se à medida que percebemos que o não deslocamento do nosso personagem é incompatível com um secreto mas violento desejo de mudança e nessa tensão, entre a vontade de liberdade e o encerramento em si próprio, o filme faz de Mauro um personagem com quem nós nos identificamos. Além de apontar Pedro Costa como uma das referências do realizador, o filme dialoga com o longa-metragem *Aquele querido mês de agosto*, já que assim como no filme de Miguel Gomes, em *Arena* o calor do verão é personagem tão fundamental da narrativa quanto o próprio protagonista, pois é na lentidão do calor, no excesso do suor e das peles que os sentimentos e a precariedade da vida daqueles personagens melhor revelam-se. Ganhador da Palma de Ouro em Cannes em 2009, João Salaviza está entre os principais nomes do cinema português contemporâneo.

Festival de Cannes, 2009 - Palma de Ouro Melhor Curta-metragem ; IndieLisboa, 2009 - Prêmio para Melhor Curta-metragem Portuguesa

**João Salaviza** estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e dirigiu em 2006 seu primeiro curta-metragem *Duas Pessoas*, ganhador do prêmio Hyperion do Festival de Cinema de Budapeste. Após lançar *Arena*, em 2009, realiza *Hotel Muller*, em 2010 e *Rafa* em 2012. Vencedor da Palma de Ouro em Cannes com o filme *Arena*, em 2009 e do Urso de Ouro, do Festival de Berlim com *Rafa*.

Michelle Sales



## Canção de Amor e Saúde de João Nicolau

Portugal/França, Cor, 30min., 2009

João Nicolau inscreve o seu cinema num universo ritualizado e fortemente subjetivo. Tal como em João César Monteiro e Miguel Gomes, duas referências cinéfilas claramente assumidas, a obra de João Nicolau situa-se na tênue fronteira estética entre o real e o fantasioso, uma fronteira que nem sempre divide e que permite frequentemente uma contaminação entre esses universos antagônicos. *Canção de Amor e Saúde*, a sua terceira curta-metragem, usa estratégias criativas como a alegoria para explorar imaginários literários e cinéfilos muito concretos e só possíveis numa espécie de universo inverosímil. Não se tratam de referências fantásticas ou da ficção científica, mas de um universo romanesco do passado, mais próximos dos clássicos do “era uma vez” ou até de uma espécie de lenda medieval, onde existem chaves que garantem passagens secretas entre mundos diferentes e uma convencional história de amor entre o herói e a sua amada que acabam o filme com votos de “e viveram felizes para sempre”. A cena final que inclui a partida de ténis entre os dois apaixonados é exemplar da mise-en-scène meticulosamente trabalhada por Nicolau: tom propositadamente declamado nos diálogos (parecendo quase monólogos), a precisão nos gestos e movimentos (cuidadosamente coreografados), os momentos musicais e o ritmo excessivamente pausado acentuam uma artificialidade que dá coerência ao dispositivo cinematográfico proposto. Tanto narrativa como formalmente, *Canção de Amor e Saúde* prossegue o trabalho iniciado em *Rapace* (2006) mas serve também de campo de experimentação para novas rotinas, sobretudo movimentos de câmara e mise-en-scène, que seriam aplicados na primeira sua longa, *A Espada e a Rosa* (2010).

Festival de Curta-Metragem de Vila do Conde, Portugal - Prêmio Melhor Filme

**João Nicolau** (Lisboa, 1975) estudou Antropologia, especializando-se em Antropologia Visual. Trabalhou com João César Monteiro (*Vai e vem*, 2003) e Margarida Gil, mas foi com Miguel Gomes que se iniciou no cinema e com quem manteve uma relação criativa muito forte, colaborando como montador e actor. Realizou três curtas e uma longa-metragem, conquistando importantes prêmios nos festivais de curtas de Belfort, Brive, Rús, Rio de Janeiro e Vila do Conde.

Paulo Cunha



## China, China de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata

Portugal, Cor, 19min., 2007

Realizado em parceria com João Rui Guerra da Mata, China China representa o amadurecimento de João Pedro Rodrigues na realização. China China fala da vida dos imigrantes chineses no bairro do Martim Moniz, em Lisboa. Diferentemente dos bairros sociais, apresentados em distintos filmes dessa mostra, Martim Moniz está localizado na região central de Lisboa, ao lado do centro comercial e de inúmeros pontos turísticos. Assim como no anterior Arena, o bairro também será um personagem-chave para a narrativa. Habitando o centro e a periferia, China China, como é conhecida pelos moradores do bairro, “quer voar”, quer sentir-se também livre. Seu cotidiano é marcado pela música pop, pelos programas de televisão e pelo trabalho precário que exerce como caixa de supermercado. A vida como imigrante é revelada aqui não apenas na impossibilidade de traduzir-se, seja do ponto de vista linguístico ou, expressivo.

Entrevues Festival Du Film Belfort, França (2007) – Grande Prêmio; KurzFilm Freude, Alemanha (2007) – 2º Prêmio do Júri; Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro, Brasil (2007) – Prêmio Cachaça Cinema Clube Internacional

**João Pedro Rodrigues** (Lisboa, 1966) foi escolhido para o The Next Director pela Cinemateca da Brooklyn Academy of Music e pelo Harvard Film Archive. Seu filme Morrer como um homem, de 2009, foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

**João Rui Guerra da Mata** trabalha no cinema desde 1995 como diretor de arte, produtor e roteirista. Lecionou direção de arte e produção na Lisbon Film School entre os anos de 2004 a 2011.

Michelle Sales



## Crime/ Abismo Azul / Remorso Físico de Edgar Pêra

Portugal, Cor, 11min., 2009

Na altura em que realizou Crime / Abismo Azul / Remorso Físico (2009), já Edgar Pêra tinha no currículo alguns fortes filmes documentais. Pense-se, acima de todos, em A Cidade de Cassiano, de 1991, sobre o arquiteto Cassiano Branco; e em Movimentos Perpétuos, de 2006, em que o realizador homenageia o compositor e músico Carlos Paredes. Crime... é um exercício de lúdic experimentação documental, em linha, aliás, com o espírito do artista documentado, Amadeo de Sousa-Cardozo (1887-1918). O curta leva o título de um dos quadros do pintor e escritor, dos mais reputados e relevantes artistas que abriram caminho ao movimento do Modernismo português no começo do século XX. Edgar Pêra inscreve, portanto, o mesmo tipo de dedicatória com que prestara tributo a Carlos Paredes e nomeia o seu filme com o título de uma obra do artista. Mas não se fica pelo título aquilo que as obras, pictórica e fílmica, têm em comum. A inspiração de Edgar Pêra em Amadeo é o que sustenta a opção estética do filme, pois nele se põem em prática movimentos, olhares e ensaios sonoros que relembram o prisma cubista – e mesmo surrealizante – de subversão de perspectivas a partir das quais enquadrar a realidade. O jogo que Edgar Pêra estabelece entre a Amarante natal e a Paris de opção, entre o modernista retrato a óleo de uma procissão de Corpus Christi e o registo de reportagem de uma semelhante procissão à beira do Tâmega, é mais do que autorizado: é incitado pela irreverência presente na grandiosa obra de Amadeo. Assim o documento devolve o culto, assim exhibe a veneração.

Faial Filmes Fest, Portugal - Melhor Documentário ; Menção Especial Prêmio RTP2 - Onda Curta

Dez anos depois de cursar Cinema no Conservatório Nacional (Escola Superior de Teatro e Cinema), com incidência na especialização de montagem, **Edgar Pêra** (Lisboa, 1960) estreou em 1990 o seu primeiro curta. Desde então, cada obra sua é um ensaio na linguagem de sons e imagens, sempre em busca daquilo que significa fazer cinema. Na atualidade, esta vertente de incessante pesquisa levou-o a inscrever uma proposta de tese de doutorado em Comunicação, Cultura e Artes (na Universidade do Algarve), a propósito do tema “O Espetador Espantado”.

Ana Isabel Soares



## Deus não quis de António Ferreira

Portugal, Cor, 15min., 2007

Dramatização da canção Laurindinha, este curta-metragem de António Ferreira tem no melodrama o principal artifício para contar a história de Ramiro, jovem combatente português que parte para a guerra e deixa para trás sua amada, Laurinda. O melodrama, enquanto gênero que tem na música um dos principais mecanismos para exprimir as emoções dos personagens é, neste filme, explorado e preservado. Mas, se, num primeiro momento, acreditamos ser o filme sobre uma fracassada história de amor, percebemos que a guerra irá impondo-se de maneira incontornável àquele romance. Apesar das correspondências trocadas e do amor mantido, o reencontro entre os dois, anos mais tarde, é uma pesada metáfora dos terrores da guerra. Como narrar essa guerra? Como narrar esse desencontro? São tais perguntas que guiam a câmera de António Ferreira e que nos leva para o desenrolar desta narrativa. Já tendo trabalhado anteriormente com a força dramática da música no cinema no anterior de 2006 *Humanos- A vida em variações*, no qual documentou o trabalho de diferentes músicos que adaptaram canções nunca gravadas do músico português Antonio Variações, Antonio Ferreira se lança em *Deus não quis* para a interpretação cinematográfica de uma música popular, recriando-a e subvertendo-a.

3ª Edição do Faial Filmes Fest, Portugal (2007) – Melhor Filme e Prêmio do Público; FIKE – Festival Internacional de Curtas-metragens de Évora, Portugal (2007) – Melhor Filme Ficção e Melhor Curta Portuguesa; Cyprus International Short Film Festival, Chipre (2008) – Melhor Filme Ficção e Melhor Actriz; Festival Ibérico de Cine, Espanha (2008) – Prêmio do Público; XV Caminhos do Cinema Português, Portugal (2008) – Melhor Filme e Prêmio do Júri; Grand Off – European Film Awards, Polónia (2008) – Melhor Montagem

**António Ferreira** (Coimbra, 1970) estudou cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e, em seguida, na Academia de Cinema e Televisão, em Berlim. Seu primeiro curta-metragem *Gel Fatal* é de 1996 e o curta-metragem de 2000, *Respirar debaixo d'água* foi selecionado para o Festival de Cannes. Seu segundo longa-metragem *Embargo*, adaptação do conto homônimo de José Saramago, é de 2010.

Michelle Sales



## Kalkitos de Miguel Gomes

Portugal, P&B, 19min., 2002

Miguel Gomes é um dos jovens autores mais interessantes e um dos que mais se têm destacado no cinema português da última década e meia. Criativa e singular, a obra de Miguel Gomes apresenta características ou particularidades recorrentes que comunicam, invariavelmente, com as suas referências cinéfilas, estéticas e éticas: um olhar pessoal, confessional, autobiográfico, sociológico, contemplativo, subjectivo, ritualizado, esteticamente intransigente; os seus filmes privilegiam o improvisado e as manifestações do espontâneo e convocam recorrentemente o cotidiano como ponto de partida para o processo produtivo e criativo que privilegia o inverosímil, a poesia e o poder da imaginação. Em 2002, Miguel Gomes apresentou um filme radical e estranho que causou espanto na generalidade da crítica e do público. Rodado a preto e branco, mudo (apenas com banda sonora musical), com intertítulos, *Kalkitos* insistia no singular universo do autor construído gradualmente nas três curtas anteriores: apresenta uma mesma temática infantil que se desenvolve em quadros/cenários perfeitamente banais e frequentes no quotidiano adolescente. Apesar das semelhanças temáticas, nesta quarta curta-metragem, Miguel Gomes vai mais longe do ponto de vista formal e surpreende com um objeto fílmico fora do tempo e do espaço, onde as leis da física e da natureza não se aplicam: o protagonista, que aparenta 20 anos, diz ter apenas 10 anos, mas as outras crianças não querem brincar com ele até que irá conhecer outras crianças como ele. No fundo, este curta-metragem antecipa e prepara o terreno para a proposta que Gomes faria dois anos mais tarde com *A Cara que Mereces* (2004), a sua primeira longa-metragem: o cinema é um jogo que privilegia o sonho e a fantasia e o espectador opta por aceitar ou não as regras do jogo; se aceitar as regras, pode jogar e tudo, mas mesmo tudo, é possível! As opções estéticas radicais e poéticas de Gomes também foram apurando as suas opções ao nível do modo de produção: opta preferencialmente por atores amadores ou mesmo por não-atores; arrisca no espontâneo e no improvisado e desvaloriza a planificação e o argumento prévio; prefere incluir no filme elementos inverossímeis ou imaginários mas confrontá-los com os contextos reais.

**Miguel Gomes** (Lisboa, 1972) estudou cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema e trabalhou como crítico de cinema na imprensa portuguesa entre 1996 e 2000. Em 1999 inicia a sua carreira como realizador e até hoje conta com seis curtas e três longas, conquistando dezenas de prémios internacionais, nomeadamente em Oberhausen, Vila do Conde, São Paulo, Guadalajara, Buenos Aires, Valdivia, Viena e Berlim.

Paulo Cunha





## Mercúrio de Sandro Aguilár

Portugal, Cor, 18min., 2010

O cinema também pode ser um sobressalto. Isto é, falar baixo, ser sutil. Mercúrio faz esse trabalho: insinua-se aos olhos do espectador, quase como se nada fosse, mas impondo neste quase um mundo inteiro. Por isso, Mercúrio é cinema-poesia disfarçado de prosa. Num sentido literal, conta-nos um pequeno momento na vida de duas personagens: um homem e uma mulher que se encontram num parque. Há um fragmento de história: percebemos que o homem é pai, está a passar a tarde com o seu filho, provavelmente na sequência de um divórcio; a mulher encontra-se com ele numa espécie de momento de liberdade (ela dir-lhe-á "Até já", supondo que se encontrarão mais tarde, mas noutro contexto social). Mercúrio pode também ser lido numa espécie de prolongamento da curta-metragem anterior de Sandro Aguilár, Voodoo (2010). Este filme, com uma duração mais extensa, mostra as mesmas duas personagens (interpretadas pelos mesmos atores), em momentos de particular fragilidade emocional. Tanto Voodoo como Mercúrio sugerem uma vontade de analisar e experimentar a construção das cenas, numa mistura híbrida entre ficção e documentário. Isso é particularmente visível nas sequências iniciais e finais de Mercúrio, onde Aguilár explora o local numa forma temporal e espacial. Há quase uma vontade de descobrir fantasmas naquilo que poderíamos chamar de naturezas mortas (as árvores do parque ou os carros vazios). Esta aposta narrativa, tem uma consequência estética: a exploração visual de Aguilár é particularmente minuciosa, construindo quadros visuais (não há movimentos de câmara) muito bonitos, fazendo a exploração de cor e a densidade visual (há diversas camadas sobrepostas nos planos finais). A luz é, assim, o elemento cinematográfico dominante, como se fosse a poesia do cinema fosse escrita dessa forma. Nesses momentos, o filme vibra, num esforço subtil de espanto. Filmado em digital (com o mesmo diretor de fotografia de Voodoo: Rui Xavier), Mercúrio marca um momento particular na cinematografia de Aguilár (foi aliás, uma espécie de filme caseiro, filmado num curtíssimo espaço de tempo, com uma equipa reduzida), em que o realizador explora dois caminhos que entram em conflito: o olhar visual sobre a realidade e a introdução do cinema narrativo. Em Mercúrio ficamos a meio do caminho, percebendo, no entanto, que o que interessa são mesmo esses interstícios do tempo: onde a emoção pode ser sentida num pequeno abraço ou murmúrio. Ou apenas olhando para as árvores ao vento.

Internationale Kurzfilmtage Oberhausen, Germany - Prémio Principal; Golden Boll International Short Film Competition for Mediterranean Countries, Turkey - Melhor Filme Experimental; Festival Internacional de Cine de Gijón, Spain - Melhor Curta Metragem

**Sandro Aguilár** (Lisboa, 1974) é formado (na área da montagem) pela Escola Superior de Teatro e Cinema e tem uma longa carreira nas curtas-metragens (dez), desde que, em 1997, se apresentou com O Cadáver Esquisito. Em 2008, estreou-se na longa-metragem com A Zona. Tem incontáveis presenças em festivais, como Locarno, Veneza, Vila do Conde, IndieLisboa, Roterdão, Montreal ou Clermont-Ferrand. Em 1998 fundou a produtora O Som e a Fúria que é responsável por parte significativa da nova geração do cinema português (Miguel Gomes, João Nicolau, Basil da Cunha) e que tem também produzido obras de autores consagrados (Manoel de Oliveira ou Alberto Seixas Santos).

Daniel Ribas



## Viagem a Cabo Verde de José Miguel Ribeiro

Portugal, Cor, 17min., 2010

Este curta de animação de José Miguel Ribeiro transporta-nos não apenas para Cabo Verde, numa linda viagem cheia de grafismos e cores, mas também para o cerne da vida calorosa africana, possuída por cheiros, sabores e sons. A musicalidade assume um valor narrativo central para o personagem de mochilas que invade o arquipélago africano de Cabo Verde. O percurso do personagem é de busca. Busca pelo passado, pela música, pela mulher, pela África. O desejo do realizador é levar-nos numa viagem de sessenta dias a Cabo Verde cujos dezessete minutos do filme tentam mostrar que será uma aventura sem roteiro. É perder-se nas mornas, no funaná, na cachupa. Com um desejo tão frívolo quanto verdadeiro de qualquer viajante atrevido, nosso protagonista parte em busca do desconhecido numa terra, aparentemente inóspita. Nem tão desconhecida assim será esse Cabo Verde, essa ex-colônia portuguesa que, dentre todas as outras, é a que sempre esteve mais próxima e ao mesmo tempo mais distante da metrópole. A "Europa da África", o "quase" português ou o insular africano, tudo isso faz de Cabo Verde uma ilha, no sentido geográfico e linguístico. O isolamento ou o afastamento permeia o imaginário do filme. O personagem que viaja, perdido entre a fala em crioulo e com tanto para ver - mar alto, os bares abertos, a amabilidade do cabo-verdiano - tem como único destino possível perder-se. Entre uma rua qualquer desconhecida, entre as dez ilhas do arquipélago, até altas montanhas vulcânicas.

IBAFF - Festival Internacional de Cine, Spain - Melhor Curta Metragem, 2012; Krakow Film Festival, Poland - Melhor Documentário & Prémio Don Quixote, 2011; CINEPORT, Brasil - Melhor Animação, 2011; Faial Filmes Fest, Portugal - Melhor Animação 2011; DocuDays - Beirut International Documentary Festival, Lebanon - 114º Melhor Curta Metragem Documentário, 2011; Big Cartoon Festival, Russia - Terceiro Prémio no Programa Internacional, 2011; Curtas Vila do Conde Festival Internacional de Cinema, Portugal - Prémio Animação, Prémio Onda Curta, 2010

**José Miguel Ribeiro** (Lisboa, 1966) nasceu em Amadora e é licenciado em Artes Plásticas pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Autor de diversos filmes de animação, José Miguel Ribeiro é um dos principais nomes do cinema de animação em Portugal. Trabalhou durante longo período na Fundação Calouste Gulbenkian como animador de fantoches. Viagem a Cabo Verde é seu 13o filme.

Michelle Sales



## Longa-metragens:

# Mostra Cinema Português Contemporâneo

## 48 Susana de Sousa Dias

Portugal, P&B, 93min., 2009

48, realizado por Susana de Sousa Dias em 2009, recupera e radicaliza uma ideia já presente no anterior *Natureza Morta - Visages d'une dictature* (2005): ambos se reportam aos 48 anos de regime ditatorial que vigoraram em Portugal (de 1926 a 1974), mas 48 é feito exclusivamente de fotografias antropométricas retiradas dos arquivos da polícia política portuguesa do Estado Novo confiados ao Arquivo Nacional Torre do Tombo em Lisboa. A partir das fotografias constantes nos processos de prisão e interrogatório da época e dos testemunhos orais atuais de 16 presos políticos do regime ditatorial, homens e mulheres, a realizadora compõe um diálogo, mas também um choque, entre as imagens do passado e a voz (sempre em off) no presente. A voz na primeira pessoa relata as horas e os dias passados na prisão, em interrogatórios, descrições de tortura física e psicológica. Contudo, 48 não se limita a uma sucessão de planos fixos, como um mero arquivo das fotografias de cadastro; antes introduz uma técnica de "micromovimento" com a câmara que origina um sutil movimento dos planos através do recurso ao slow motion. Apesar da realizadora interligar as imagens do passado a vozes do presente, em linha divergente às convenções do gênero documental, nunca os vemos na sua aparência atual, como se os seus rostos permanecessem no passado, ainda que as memórias persistam no presente e resistam à passagem do tempo. As memórias relatadas não têm, no entanto, apenas um cunho pessoal, mas são elas próprias como que as memórias coletivas de um passado histórico recente que a sociedade portuguesa tende a não inscrever na sua identidade atual. Segundo a realizadora, o seu filme situa-se assim entre aquilo que uma fotografia mostra e o que esconde, entre as imagens e as memórias.

Cinéma du Réel, França, GRAND PRIX 2010; Jihlava 2010 - Opus Bonum Award ; Dok Leipzig 2010 - Prêmio FIPRESCI; Prêmio D. Quijote 2010, Grande Prêmio Cidade de Coimbra 2010 ; Punto de Vista, 2011 - Menção do Júri; VII Festival Internacional de Cine Independiente de Mar del Plata, Argentina - Primeiro Prêmio da Competição Internacional; CINEPORT 2011, Brasil - Prêmio Melhor Montagem Documentário,

**Susana de Sousa Dias** (Lisboa, 1962) estudou cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, passou pelas artes plásticas na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Com os documentários sobre o Estado Novo, *Natureza Morta - Visages d'une dictature* de 2005 e 48 de 2009, esteve presente em diversos festivais tendo *Natureza Morta* sido galardoado com o Prêmio Atalanta no DocLisboa (2005) e com o Prêmio de Mérito no Taiwan International Documentary Festival e 48 com o Grande Prêmio do Cinéma du Réel (2010) e com o Prêmio FIPRESCI da Crítica Internacional em Leipzig (2010). Encontra-se em fase de montagem do novo documentário, *Luz Obscura*.

Susana Viegas



## A Costa dos Murmúrios de Margarida Cardoso

Portugal, Cor, 115min., 2004

Com este filme, Margarida Cardoso consegue aliar a sua sólida formação e tradição documentarista a duas vertentes que particularmente lhe interessam: uma desapaixonada, porque esteticamente distante, visão dos acontecimentos da guerra colonial em Moçambique (que a realizadora conheceu de perto, pois lá viveu de 1964 a 1976) e uma veemente afirmação do ponto de vista feminino.

A visão distanciada consegue-a através da adaptação de uma obra literária ficcional, também ela baseada em conjeturas ao redor da vida das mulheres dos militares em Maputo durante o ingrato tempo do conflito. O livro de Lúcia Jorge (1988) - ela também uma conhecedora da realidade da guerra em Moçambique - já lança um olhar límpido e desassombrado sobre aqueles dias. A forte figura da protagonista, que Cardoso preenche com a potência interpretativa de Beatriz Batarda, consolida mais ainda a construção ficcional, sem nunca fazer perigar o subtexto documental que livro e filme veiculam. É a figura de Batarda, numa indesmentível e sofisticada Évita, que confere ao filme o traço feminino que também comecei por sugerir: é certo que se trata de uma história de mulheres, com base num livro escrito por uma mulher; mas a composição de Batarda não resvala nunca para a caricatura de um feminismo quase anacrónico na cultura portuguesa de então. A personagem do livro, se é segura da sua superioridade intelectual, sofre as paixões da alma feminina com tanto desespero quanto se esconde na compostura que a sociedade então exigia - é essa ambivalência que Margarida Cardoso tão bem capta nas sutilezas que as atrizes, com Batarda à cabeça, souberam transpor para a tela.

Mannheim-Heidelberg International Filmfestival, (2004) - Menção Especial; Globos de Ouro, Portugal (2005) - Melhor Actriz (Beatriz Batarda); Caminhos do Cinema Português, Portugal (2005) - Melhor Filme

**Margarida Cardoso** (1963) começou a trabalhar como anotadora/continuista e assistente de direcção desde meados dos anos 80. A partir de 1996 começou a escrever e dirigir curtas e documentários, ganhando notabilidade com Kuxa Kanema - O Nascimento do Cinema (2003), até se estrear nas longas com A Costa dos Murmúrios (2004).

Ana Isabel Soares



## Entre muros de José Filipe Costa e João Ribeiro

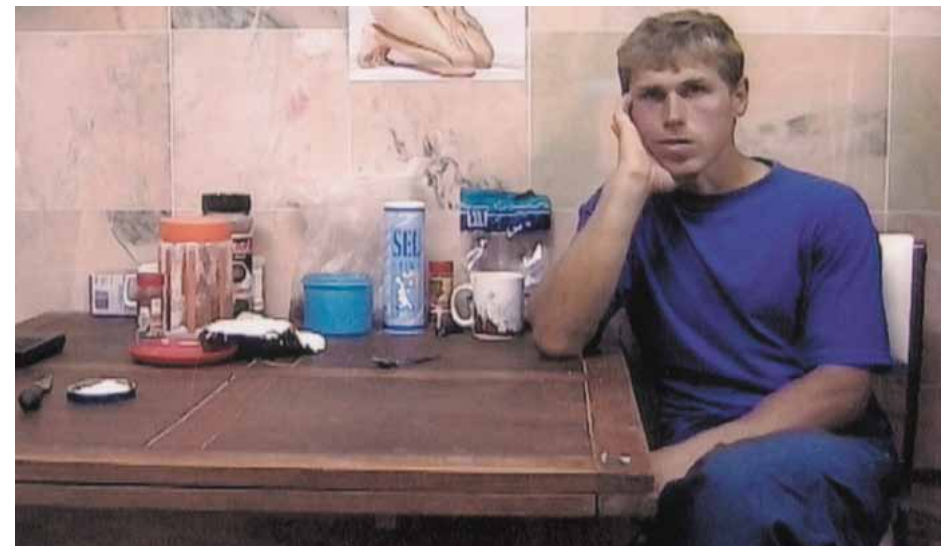
Portugal, Cor, 75min., 2002

Sergey e Eduard são imigrantes ilegais ucranianos que trabalham na construção civil em Lisboa e dividem a mesma casa, espécie de garagem adaptada. Após o ingresso na zona do euro, Portugal presenciou o crescimento vertiginoso do número de imigrantes residentes no país. Anteriormente, sendo o português que emigrava em busca de melhores oportunidades, ou para fugir da opressão política salazarista, o país, a partir da década de 90 vem a ser o destino eleito de cabo-verdianos e guineenses, angolanos, brasileiros e romenos, ucranianos e búlgaros. O rápido crescimento econômico e a aparente estabilidade da década de 90 e do início dos anos 2000 não antevia a crise estrutural e profunda que afeta, hoje, o cenário social e político português. Entre muros de José Filipe Costa e João Ribeiro quer pensar como vivem esses imigrantes, que desejos, que valores e que hábitos de vida são cultivados no estrangeiro. Em meio à solidão e à precariedade o filme faz ressaltar a amizade e a solidariedade cultivada entre os conterrâneos, ligados por uma espécie de elo imaginário nutrido pela memória e pela saudade.

**José Filipe Costa** fez doutorado na Royal College of Art. Realizou e escreveu os curtas A Rua (2008), Chapa 23 (2006), Domingo (2006) e Undo (2004) e os documentários Senhorinha (1999), Entre Muros (2002) e Linha Vermelha (2011), prêmio de melhor filme português no Indie Lisboa de 2011.

**João Ribeiro** (1967) é diretor de fotografia e colaborou com inúmeros realizadores portugueses, dentre eles Sérgio Trefaut, Susana de Sousa Dias, Teresa Villaverde e João Botelho.

Michelle Sales



## Guerra Civil de Pedro Caldas

Portugal, Cor, 94min., 2010

Pedro Caldas pertence a uma das gerações simultaneamente mais promissoras e menos produtivas da história do cinema português. Com Pedro Costa, esteve na fundação da Trópico Filmes, produtora que na transição dos anos 80 para os 90 produziu uma série de filmes icônicos que renovaram o cinema português: Uma Rapariga no Verão (1986), de Vítor Gonçalves; O sangue (1989) de Pedro Costa; e Nuvem (1992), de Ana Luísa Guimarães. Desse período ficaram outras longas de ficção igualmente simbólicas: Duma vez por todas (1987), de Joaquim Leitão; Uma pedra no bolso (1988), de Joaquim Pinto; Um passo, outro passo e depois (1989), de Manuel Mozos; e Idade maior (1991), de Teresa Villaverde.

Em comum, estes títulos partilhavam algumas características ausentes no cinema português até então: os filmes apresentam temáticas juvenis, bandas sonoras repletas de novas sonoridades rock, integram jovens atores e técnicos que se estreavam, novas visões do mundo e um espírito cinéfilo mais heterodoxo. Muitos desses filmes não chegaram sequer a estrear e permanecem ignorados, alguns dos seus jovens realizadores não prosseguiram sequer uma carreira na realização, mas este conjunto de filmes iniciou uma viragem no cinema português.

É importante recuperar estes dados porque este é o universo de Guerra Civil. Apesar de ter estreado em 2010, a primeira longa de Pedro Caldas é, em todos os sentidos, um filme com as características dos filmes rodados pelos seus colegas de geração no final dos anos 80.

A narrativa sobre os conflitos geracionais de uma mulher de meia-idade que não quer envelhecer, um marido ausente e o filho adolescente de ambos que não quer crescer, e os seus envoltivos amorosos num verão em plenos anos 80.

A guerra civil a que o título se refere é simultaneamente a que é travada interiormente por cada personagem mas também exteriormente contra todas as contingências da vida.

Mas não se trata de uma reconstituição de época ou de qualquer terapia psicodramática para traumas pessoais, mas sobretudo da partilha de experiências de vida e de sentimentos de uma época que marcou quem os viveu de forma decisiva.

IndieLisboa 2010 - Prémio Melhor Longa Metragem Portuguesa; Festival de Cinema de Espinho - Menção Especial do Júri no Fest

**Pedro Caldas** (Lisboa, 1958) estudou na Escola Superior de Cinema e trabalhou intensamente, entre 1978 e 1997, como assistente e diretor de som com todos os principais cineastas portugueses (Manoel de Oliveira, João César Monteiro, João Botelho, Paulo Rocha, António Reis, Pedro Costa, entre outros). Desde 1997 tem-se dedicado à produção de teatro e cinema e à realização de diversas curtas e documentários e estreou-se nas longas-metragens ficcionais com Guerra Civil, premiado como melhor longa-metragem portuguesa no IndieLisboa 2010.

Paulo Cunha



## Juventude em marcha de Pedro Costa

Portugal/França/Suíça, Cor, 140min., 2006

Foi da experiência de convívio com os habitantes do Bairro de Fontainhas, ainda na altura de Ossos, de 1997, que faz surgir os dois filmes seguintes, No quarto da Vanda, de 2000, e Juventude em Marcha, de 2006, filmes que são, na nossa opinião, o eixo central da obra daquele realizador português. Em seu Juventude em marcha, de 2006, Costa ainda tem como elemento central os residentes do Bairro das Fontainhas, desta vez, alojados numa espécie de conjunto habitacional que agora tem como marca fundamental a impessoalidade e a assepsia. Já não é mais Vanda Duarte, de O quarto da Vanda, quem conduz a narrativa, mas sim, Ventura, espécie de guardião da memória coletiva daquela comunidade. Como espécie de desdobramento da filmagem de O Quarto da Vanda, este filme de 2006 conta ainda com não-atores, habitantes do antigo bairro das Fontainhas, demolido para dar lugar a um bairro social dos arredores de Lisboa. Em linhas gerais, podemos citar como elementos estilísticos de Costa o uso de planos longos, a anti-narratividade, pondo em evidência as configurações dos corpos dos personagens, assim como as inquietações inconscientes vividas. Além disso, a busca, através do uso do equipamento digital, pelo o que sentem e como sentem esses personagens, em detrimento do que agem e do que fazem. Tudo isto presente em Pedro Costa é viável do ponto de vista estético pela opção de câmeras pequenas e digitais. Apesar de ser isso quase a descrição de todo cinema contemporâneo mundial, Costa utiliza-se do digital pelas frestras que este equipamento é capaz de abrir. Em contraposição à imagem rara e carregada de significado, abre-se frente aqui para imagens vazias e quase destituídas de propósito, sobretudo em O quarto da Vanda. Muitos já apontaram a filiação de Pedro Costa com o cinema direto, no qual é desejável o mínimo de intervenção na realidade durante a filmagem, preferimos, entretanto, ressaltar a crueza e a honestidade com que se relaciona com seus personagens/atores.

**Pedro Costa** (Lisboa, 1959) abandonou o curso de Licenciatura em História da Universidade de Lisboa para trabalhar como assistente de direção de realizadores como João Botelho. Desde 1984, trabalha como realizador, tendo lançado naquele ano o curta-metragem É tudo invenção nossa. Seus filmes mais importantes são O sangue (1989), Casa de Lava (1994), Ossos (1997), No quarto da Vanda (2000), Onde jaz o teu sorriso? (2003) Juventude em marcha (2006) e Ne change rien (2009).

Michelle Sales



## O Manuscrito Perdido de José Barahona

Portugal/Brasil, Cor, 81min., 2010

Em jeito de carta enviada ao escritor angolano José Aqualusa, José Barahona propõe conhecer mais sobre o percurso de um aventureiro e escritor português do séc. XIX que chegou ao Brasil vindo de Angola e aí aderiu ao movimento abolicionista. Fradique Mendes é uma personagem originalmente criada por Eça de Queirós e ressuscitado recentemente por José Eduardo Aqualusa, que deixou um suposto testamento ideológico onde abordava a questão da escravatura e refere o papel de vários povos na formação da sociedade brasileira e que entretanto se perdera. José Barahona propõe encetar uma busca por esse manuscrito perdido em terras brasileiras e esse será o mote do documentário. Apresentado formalmente como um documentário, o filme de Barahona explora essa ambiguidade e usa as referências literárias apenas como dispositivo narrativo, assumindo a subjetividade natural de qualquer autor, literário ou cinematográfico. O comum do espectador não saberá que Fradique Mendes é uma personagem literária completamente fictícia e que, por isso mesmo, o tal manuscrito nunca existiu. De resto, o mote publicitário do filme – “Nem todas as histórias tem de ser reais para se tornarem verdadeiras” – sublinha essa vontade de explorar outras fontes pouco convencionais neste tipo de análise e reflexão: a cultura oral popular e os vestígios humanos do quotidiano. É por isso que Barahona escapa aos habituais sociólogos, antropólogos e historiadores e mergulha sem preconceitos, por exemplo, no mercado local para ouvir Joca, o cidadão comum que fala no balcão do botequim com o copo de cerveja na mão, e Ney da Cana, o vendedor de ervas, ou nas comunidades quilombolas que vai encontrando para ouvir os testemunhos pessoais e outros transmitidos através das gerações. Fazendo o percurso de Fradique Mendes (de Salvador para o Rio de Janeiro), Barahona enceta um regresso às origens em busca da autenticidade e verdade que ainda sobrevive nos lugares e nas pessoas, e não a verdade normalizada por interesses políticos ou ideológicos. No fundo, o filme questiona a natureza das relações culturais e sociais entre europeus, africanos e índios na construção do Brasil.

15ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico, RJ (2011) - Prémio TV Brasil Melhor Longa Metragem ; Research Film Festival, Connecticut College (2012) - Prémio Connecticut College 2012; 2º Festival International du Film de Chercheurs, Lyon - Menção Especial do Júri,

**José Barahona** (Lisboa, 1969) formou-se em som e realização na Escola Superior de Teatro e Cinema, com especializações em Cuba e nos Estados Unidos. Tem trabalhado como técnico de som com diversos realizadores (Fernando Vendrell, Margarida Cardoso, Jorge António) e, desde 1995, tem realizado os seus próprios projetos. Os seus filmes já foram premiados em Portugal, Brasil, Estados Unidos e França.

Paulo Cunha



## Palavra e utopia de Manoel de Oliveira

Portugal/Brasil/Espanha/França, Cor, 133min., 2000

O ano é 1663. Convocado pelo Tribunal da Santa Inquisição, padre António Vieira revê o seu passado: eis o início de Palavra e utopia, título concebido no ano do quinto centenário do “descobrimento” do Brasil e que marca um ponto essencial nas reflexões do cineasta português acerca das relações entre os dois países e de Portugal com a Europa. O filme trata da vida e da obra de Vieira, que, ao longo do século XVII, dedicou-se à luta por melhores condições de sobrevivência para escravos índios e negros no Brasil, influenciou na política mercantil de Portugal e pregou famosos sermões para escravos, soldados, reis e rainhas.

Neste filme, como em muitos outros de Oliveira, podemos notar a utilização de seus protagonistas como personificações da nação portuguesa. Sua construção discursiva propõe a compreensão de um momento anterior da história que acaba por implicar em um sentimento conflituoso entre um passado de glórias e um presente em crise. Dentro desse contexto, o filme problematiza outro aspecto relevante, o qual diz respeito à tradução das línguas, associada à interpretação das culturas. Palavra e utopia é falado em vários idiomas: dentre eles, indígenas, italiano, latim e o português arcaico. Nesta obra, seria possível afirmarmos que Vieira, que viveu entre Portugal e Brasil ao longo de toda a vida, encontra sua identidade com o uso e expressão do idioma português como forma de catequização e expansão dos propósitos cristãos. De fato, o projeto humanístico de Vieira é questão ainda bastante premente para os dias atuais. Ao enfocar este e não qualquer outro dos objetivos vieiristas, Manoel de Oliveira sugere uma reflexão que vai além da vida pessoal da personagem retratada, apontando para um conjunto de características do imaginário português. Nos sermões do padre, o filme busca ideias que ultrapassam as preocupações de seu tempo e continuam a falar ao público contemporâneo. De acordo com Oliveira, “a originalidade do filme está em não ser uma dramatização de época. É uma obra sui generis, onde tudo se reduz ao essencial”.

**Manoel de Oliveira** (Porto, 1908) iniciou a sua obra ainda no tempo do mudo (Douro, faina fluvial, 1929-31) e é dono de um currículo bastante extenso, em que mais de cinquenta títulos levam a sua assinatura como realizador, contando prêmios nos mais importantes certames cinematográficos mundiais. O olhar sobre sua trajetória deve considerar aspectos diversos no que diz respeito às mudanças sociais e políticas que implicam diretamente no âmbito de suas produções realizadas. Oliveira atravessou o século XX, adentrando o século XXI, e nos presenteia com inúmeros filmes dedicados às histórias portuguesa e mundial, destacáveis em seu corpus de filmes, tal como poderemos observar em Palavra e utopia.

Wiliam Pianco



## Ruínas de Manuel Mozos

Portugal, Cor, 60min., 2009

Em Ruínas, Manuel Mozos cria um singular documentário sobre lugares contemporâneos do território português que tenham, por si só, uma ligação (metáforica ou literal) com a ideia de declínio. Nem sempre optando por lugares abandonados, Mozos recorre também a lugares esquecidos, desprezados ou meramente desabitados. Em geral, a presença de um passado que resiste contrasta com a desumanidade dos lugares. O documentário vive da tensão entre o que é dito e o que é mostrado. Contudo, o realizador procura dar uma alma aos locais filmados materializando, com o trabalho de montagem, essa tensão entre a palavra e a imagem e entre o passado da palavra dita e o presente da imagem atual. Construído maioritariamente com planos fixos de lugares Ruínas consegue construir várias narrativas que animam os lugares filmados, relatos em off por um narrador que recupera vivências que preenchem, poética e fantasmagoricamente, o momento presente mas que, ainda assim, nos transportam para um Portugal que já não existe. Começando no cemitério do Prado do Repouso no Porto, passando por lugares tão díspares como o Restaurante Panorâmico de Monsanto em Lisboa, a Estalagem Gado Bravo em Porto Alto, a estação ferroviária de Barca d'Alva, o Sanatório Marítimo do Norte em Francelos e dos Ferroviários nas Penhas da Saúde ou a aldeia mineira do Pomarão e Minas de São Domingo em Mértola terminando nas ruínas do inacabado Sanatório Grandella em Cabeço de Montachique. Ainda que os lugares sejam as verdadeiras personagens do filme, este não é um convencional documentário de arquitetura ou de urbanismo. Mozos vinca bem a sua posição em relação à obra que criou: apesar de conter elementos documentais, é através dos textos escolhidos (desde prosaicos pedidos de empréstimos de dinheiro, ementas gastronômicas, relatórios médicos ao poema "A mão no arado" de Ruy Belo) que se cria uma dimensão ficcional, de narrativas topológicas.

IndieLisboa 2009 - Prêmio Tobis de Melhor Longa-Metragem Portuguesa; FIDMarseille - Prêmio da Competição Internacional do Festival

**Manuel Mozos** (Lisboa,1959) formou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema tendo colaborado em inúmeros filmes como montador, argumentista e ator. Trabalha actualmente no ANIM da Cinemateca Portuguesa. Inicia-se na realização em 1989 com Um passo, outro passo e depois... laureado com uma menção especial no Festival Internacional de Cinema de Belfort em 1990. Seguiram-se-lhe tanto documentários como ficção: Xavier (1992-2002), José Cardoso Pires - Livro de Bordo (1998), ...Quando Troveja (1999), Aldina Duarte: Princesa prometida (2008) e 4 Copas (2008). Com Ruínas (2009) recebe o prêmio Tobis para Melhor Longa-Metragem Portuguesa no IndieLisboa 2009 e o Prêmio Internacional Georges de Beauregard no FIDMarseille.

Susana Viegas



## Sangue do Meu Sangue de João Canijo

Portugal, Cor, 140min., 2011

Há uma longa cena em Sangue do Meu Sangue que nos resume o programa do realizador: a mãe chega a casa e a mesa está posta; os filhos preparam-se para jantar e espera-se a chegada da tia, que vive também com a família. A mãe vai dissecando sobre a vida e sobre o líquido que a irmã tem no fogão. É uma cena banalíssima (embora bastante longa), e essa banalidade permite irromper a questão central deste filme: quem são estes personagens? Como são estas vidas de pessoas comuns num bairro superpovoado dos subúrbios de Lisboa?

Parte da explicação destas perguntas está no método que o realizador utilizou na aproximação dos atores ao argumento do filme. O método (aliás já bastante utilizado por autores como John Cassavettes ou Mike Leigh) implica os atores na construção das personagens e na construção das cenas. São eles que as "inventam", organicamente, fazendo parte da sua memória pessoal sobre a vida (foi por isso, aliás, que eles viveram temporadas no interior do bairro antes das filmagens).

No nosso entender, este filme faz uma ligação profunda com todo o trabalho anterior de João Canijo: Sangue do Meu Sangue prolonga as investigações do realizador no interior da identidade cultural portuguesa, executadas a partir de dentro, isto é, a partir do núcleo base da sociedade, a família.

Sangue do Meu Sangue também revela uma necessidade de Canijo de se aproximar de uma cinematografia mais austera, mais auto-consciente, utilizando, para isso, planos longos e estáticos que têm o efeito surpresa de se dividirem, no seu interior, em diferentes histórias, muitas vezes com o som sobreposto. Nesse sentido, aproxima-se de um realismo, já presente nos outros filmes (muitas vezes transformando-se em momentos hiper-realistas), mas que aqui assume uma postura profundamente ética, deixando o mundo acontecer em frente da câmara. Sangue do Meu Sangue surge no contexto da cinematografia de Canijo, como auge do seu projeto cinematográfico e político, expondo uma sociedade em combustão lenta e onde o peso da história e do poder dominante surge com o efeito de nevoeiro e de marca indelével nas personagens.

Festival de Cinema de Miami - Grande Prêmio do Júri ; Festival International du Film de Pau, França - Prêmio de Melhor Filme ; Menção Honrosa do Júri do Prêmio OTRA Mirada da TVE, FIPRESCI ; Donostia Zinemaldia Festival de San Sebastian - Prêmio da Crítica Internacional ; Faial Films Fest - Melhor Longa-Metragem e Menção Honrosa no Prêmio Dom Quixote ; Caminhos do Cinema Português - Grande Prêmio, Prêmio de Melhor Realizador, Prêmio Melhor Actriz, Prêmio Melhor Argumento Original

**João Canijo** (Porto, 1957) é um dos realizadores mais importantes do cinema português contemporâneo. Fez a sua aprendizagem como assistente de realização de grandes mestres do cinema mundial, como Manoel de Oliveira, Wim Wenders, Alain Tanner e Werner Schroeter. Estreou-se na realização com Três menos eu (1985) e, desde 1998, arrancou com a fase decisiva da sua carreira cinematográfica: Sapatos Pretos (1998), Ganhar a Vida (2001), Noite Escura (2004), Mal Nascida (2007) e Fantasia Lusitana (2010). Todos estes filmes passaram por festivais importantes (como Veneza ou Cannes) e tiveram uma recepção crítica assinalável.

Daniel Ribas



## Viagem a Portugal de Sérgio Tréfaut

Portugal, P&B, 75min., 2010

O realizador do anterior *Lisboetas*, de 2004, dá continuidade, com o *Viagem a Portugal*, a uma espécie de pesquisa sociológica acerca do estrangeiro em Portugal e acerca da relação do português com o imigrante. Se no primeiro, a opção de Tréfaut é pelo documentário em *Viagem a Portugal*, o realismo/naturalismo da interpretação dos personagens é mesclado com a fotografia em preto e branco que ressalta certa frieza, seja da relação entre eles, seja no distanciamento na abordagem do tema. A chegada, no aeroporto de Faro, da ucraniana, interpretada por Maria de Medeiros, é logo interrompida por uma série de interrogatórios. Sem falar português e sem auxílio de intérprete, o diálogo entre a imigrante e a chefe de polícia, interpretada pela veterana Isabel Ruth, vai desdobrando-se num inquietante labirinto linguístico no qual a jovem ucraniana jamais encontrará saídas. O marido, médico nigeriano, residente em Portugal, interpretado por Makena Diop, tenta interceder inúmeras vezes, mas é sempre visto com desconfiança e rispidez. Acusada de tentar entrar no país sem dinheiro e para trabalhar como garota de programa, a jovem ucraniana é submetida a constrangimentos pessoais sem fim cujo desenlace é o retorno ao seu país de origem. A história desse casal, baseada em fatos verídicos, é contada com sensibilidade e sutileza, e merece destaque pela rica pesquisa cujo realizador vem fazendo sobre o tema da imigração em Portugal. O filme fala sobre a difícil tarefa de atravessar fronteiras numa Europa cada vez mais endurecida e conservadora no que tange a relação com a imigração. A exibição do filme, em Portugal, foi acompanhada de uma espécie de dossiê sobre a quantidade de expulsões, repatriamentos e prisões que acontecem, todos os dias, nos aeroportos portugueses.

International Film Festival «Spirit of Fire» (Sibéria) - Prêmio Taiga de Ouro ; Festival de Cinema dos Açores - Prêmio do Público e Prêmio D. Quixote ; Caminhos do Cinema Português - Prêmio Melhor Longa-metragem e Melhor Atriz Secundária

**Sérgio Tréfaut** (Brasil, 1965) é filho de pai português e mãe francesa. Foi diretor do DocLisboa, principal festival de documentário de Portugal, e realizou entre outros *Lisboetas* (2004), *Cidade dos Mortos* (2009) e *Viagem a Portugal* (2010).

Michelle Sales



## Programação Rio

Terça-feira - 26 de Junho  
19h

**Viagem a Portugal de Sérgio Tréfaut**

Com a presença do diretor

Quarta-feira - 27 de Junho  
16h30

**Palavra e utopia de Manoel de Oliveira**

19h

**Entre muros José Filipe Costa e João Ribeiro**

Com a presença do diretor

Quinta-feira - 28 de Junho  
17h - Sessão de curtas

**A Noite de Regina Pessoa**

**Crime/ Abismo Azul / Remorso Físico de Edgar Pêra**

**Kalkitos de Miguel Gomes**

**Mercúrio de Sandro Aguilár**

**Viagem a Cabo Verde de José Miguel Ribeiro**

**China, China de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata**

19h

**O manuscrito perdido de José Barahona**

Com a presença do diretor

Sexta-feira - 29 de Junho  
16h

**Sangue do meu sangue de João Canijo**

18h30

**Deus não quis de António Ferreira**

**48 de Susana de Sousa Dias**

Sábado - 30 de Junho  
14h

**Canção de Amor e Saúde de João Nicolau**

**Ruínas de Manuel Mozos**

16h

DEBATE COM CONVIDADOS DA MOSTRA

18h30

**A Costa dos Murmúrios de Margarida Cardoso**

Com a presença da diretora

Domingo - 1 de Julho  
14h

**Arena de João Salaviza**

**Guerra Civil de Pedro Caldas**

16h

DEBATE COM CONVIDADOS DA MOSTRA

18h

**Juventude em marcha de Pedro Costa**

## Programação SP

Terça-feira - 3 de Julho  
18h30

**A Costa dos Murmúrios de Margarida Cardoso**

Com a presença da diretora

Quarta-feira - 4 de Julho  
15h30

**Palavra e utopia de Manoel de Oliveira**

18h

**Juventude em marcha de Pedro Costa**

Quinta-feira - 5 de Julho  
16h

DEBATE COM A PRESENÇA DE DIRETORES CONVIDADOS

19h

**O Manuscrito Perdido de José Barahona**

Com a presença do diretor

Sexta-feira - 6 de Julho  
16h

DEBATE COM A PRESENÇA DE DIRETORES CONVIDADOS

18h30

**Deus não quis de António Ferreira**

**48 de Susana de Sousa Dias**

Com a presença do diretor António Ferreira

Sábado - 7 de Julho  
14h30

**Canção de Amor e Saúde de João Nicolau**

**Ruínas de Manuel Mozos**

16h30

**Arena de João Salaviza**

**Guerra Civil de Pedro Caldas**

18h30

**Sangue do Meu Sangue de João Canijo**

Domingo - 8 de Julho  
14h30 Sessão de Curtas

**A Noite de Regina Pessoa**

**Crime/ Abismo Azul / Remorso Físico de Edgar Pêra**

**Kalkitos de Miguel Gomes**

**Mercúrio de Sandro Aguilár**

**Viagem a Cabo Verde de José Miguel Ribeiro**

**China, China de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata**

16h30

**Entre muros José Filipe Costa e João Ribeiro**

Com a presença do diretor

18h30

**Viagem a Portugal de Sérgio Tréfaut**

Com a presença do diretor



## Sobre os colaboradores

Ana Isabel Soares

é pesquisadora no CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve e da Escola Superior de Teatro e Cinema e presidente da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento.

Daniel Ribas

é pesquisador na Universidade de Aveiro, professor de audiovisual no IPB-EsACT, editor da revista Drama e colaborador do Festival Curtas Vila do Conde.

Michelle Sales

é professora adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora do livro "Em busca do novo cinema português", publicado pelo selo LabCom, em Portugal.

Paulo Cunha

é pesquisador de cinema no CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra e responsável pelo blogue Novo Cinema Português.

Susana Viegas

é pesquisadora no Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa, co-editora da revista Cinema: Journal of Philosophy and the Moving Image.

William Pianco

é mestre pela Universidade Federal de São Carlos e prepara o seu doutorado sobre cinema português na Universidade do Algarve.

Presidenta da República  
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Fazenda  
Guido Mantega

Presidente da Caixa  
Jorge Fontes Hereda

## Ficha técnica:

Produção/Produção Executiva: Refinaria Filmes / Carolina Dias e Marília Albornoz

Curadoria: Michelle Sales

Produção local (Rio): Marta Vieira

Produção local (SP): Lucila Pougy e Ana Lúcia Saggese

Assistência de produção Portugal: Beatriz Golzi

Textos do catálogo: Ana Isabel Soares, Daniel Ribas, Michelle Sales, Paulo Cunha, Susana Viegas, William Pianco

Projeção Digital / Legendagem: EmQuadro / Fernando Secco

Design: Moovie / Marcelo Pallotta

Assessoria de Imprensa - Rio de Janeiro: Cláudia Oliveira

## Agradecimentos:

A todos os diretores e produtores dos filmes apresentados.

Ana Patrícia Severino (ICA)

Dr. António Gomes da Costa

Aurélio Graça-Souza

Carmelita e Luiz Carlos Dias

Cônsul Paulo Lopes Lourenço

Cônsul Nuno de Mello Bello

Gilda Santos

Dr. João Pignatelli

José Barahona

José Filipe Costa

José Pedro Ribeiro (ICA)

Paulo Cunha

Rodrigo Areias

Vítor Manuel Pinheiro (ICA)

Todos aqueles que de alguma forma nos ajudaram a realizar a mostra